18 O Idoso na Família: Expansão de Possibilidades ou Retração?

Ruth Gelehrter da Costa Lopes
Sila Zugman Calderoni

Os processos educacionais de mudanças baseiam-se na repetição e no longo prazo. O que uma criança não recebe raramente poderá oferecer mais tarde.

W. James

Introdução

As mudanças das últimas décadas, fazem com que não saibamos exatamente o que é uma família: convivemos com modelos ideais enquanto vemos a fragmentação progressiva do modelo nuclear: mãe, pai, filhos. Debruçarmos-nos sobre a organização familiar contemporânea visa a apreender as relações que perpassam essa rede de convivência. Apesar de a vida familiar continuar tendo valor social, os papéis domésticos tornam-se conflituosos a partir do momento em que não há espaço para a dimensão individual, atributo supervalorizado no mundo contemporâneo. A questão atual é como compatibilizar a individualidade e a reciprocidade familiar. Vivemos um tempo repleto de alternativas e ao mesmo tempo normativo; os papéis não-rigidamente preestabelecidos são objetos de constantes negociações, na busca da construção de uma nova lógica simbólica. Ter ou poder escolher desencadeia a angústia, expondo a individualidade dos sujeitos. Ao perdermos aquilo em que investíamos surge a necessidade da reorganização da intimidade pessoal, familiar e social. O limite entre o que é pertencente ao domínio público e o que cabe ao privado fica em suspenso. Assim, a questão *quem deve cuidar dos velhos?* se coloca de maneira dramática para os familiares.

A reflexão sobre a complexidade da família atual e o reconhecimento da sua importância no apoio à velhice, visa a contribuir na formação de profissionais que venham a interferir nas políticas de saúde no sentido de colaborar na difícil articulação de demandas individuais, organização familiar e suportes institucionais.

O envelhecimento de nossa população é hoje um fato importante e significativo, impondo-se à investigação e análise de amplos setores da sociedade. Acreditamos que isso não deve ser atribuído só aos altos índices demográficos que apontam para o crescimento deste segmento etário, mas muito mais à sensibilidade da sociedade para este fenômeno contemporâneo. Afinal, de que adianta dar mais anos à vida, se não dermos mais vida aos anos?

Tratar de aspectos que envolvem o envelhecimento sinaliza para a visibilidade que o tema vem conquistando.

Tememos ficar velhos. Apesar de cada vez mais se apregoar a "boa velhice", exemplificada por figuras públicas poderosas e sábias, o "velho denegrido" faz parte do nosso cotidiano e povoa assustadoramente nosso imaginário.

O conhecimento do processo de envelhecimento pode engendrar o resgate de um discurso e uma prática realista e verdadeiramente amorosa.

O Processo de Envelhecimento

Se pudermos entender o que se passa com a pessoa que se torna idosa, fica mais fácil conviver com ela e ajudá-la.

Não é de uma hora para outra que a pessoa se torna idosa. As estruturas psíquicas se constituem no início da vida e acompanham o indivíduo por toda a sua existência. Os princípios e os mecanismos são os mesmos para todos, mas a forma de percorrê-los é singular. Depende de como a experiência é elaborada anteriormente. Cada acontecimento atual é integrado às experiências anteriores, o que dá um sentido único a cada vivência.

Ao envelhecer, o indivíduo é forçado a se deparar com alterações físicas e psicológicas em si próprio, e também com mudanças nas suas possibilidades de atuação no mundo, especialmente no que se refere ao seu lugar na estrutura familiar e social.

Nesta etapa da vida ocorrem perdas típicas, relativas à capacidade física, ao rompimento com o mundo do trabalho remunerado e ao afastamento de entes queridos.

Vivemos numa sociedade que valoriza a beleza, a produtividade e o consumo. Que olhar esta sociedade dirige ao idoso? Que lugar lhe reserva?

A psicopatologia do idoso está relacionada a uma estrutura patológica prévia, uma história de vida anterior. Não é o passar do tempo que cria a doença psíquica.

Se a personalidade do indivíduo foi bem constituída, terá recursos internos para se diferenciar e não sucumbir diante do olhar que a sociedade lhe dirige ao envelhecer e diante das transformações que afetam a vida que avança pelo tempo. Ele poderá, então, acreditar em si e ter uma vida interior que o conduza a encontrar gratificação consigo mesmo, com o outro e com sua atuação no mundo. Vai conseguir preservar sua independência e encontrar possibilidades de atuação produtiva, mesmo na longevidade, mantendo com sua família os padrões vivenciados anteriormente.

Por outro lado, se desde o início da vida forem fixadas vivências emocionais traumáticas e relações de pouca afetividade, os alicerces de seu mundo psíquico ficarão timbrados por sensações de insegurança, sentimentos de medo, baixa auto-estima, intolerância às frustrações e hostilidades voltadas contra si e contra o outro, que pode, inclusive, ser erroneamente avaliado como objeto persecutório ou pouco acolhedor. É por esta razão que muitas vezes encontramos situações onde o idoso agride justamente quem mais cuida dele, quem mais ama, dificultando muito sua inserção no contexto familiar.

No caminhar da vida, tenta-se sempre encontrar o olhar de aprovação do outro, tanto familiar quanto o reconhecimento na sociedade mais ampla. A representação social da velhice causa um forte impacto sobre a pessoa que envelhece e exerce pressão para sua exclusão da vida social com conseqüências danosas também para sua vida familiar.

Sucumbindo à influência de todos estes fatores, a tendência é a do idoso se isolar, cortar vínculos, deprimir-se, adoecer, perder o sentido de viver.

Como elaborar tantos lutos solitariamente?

Quando ocorre uma perda importante na vida do indivíduo, a energia psíquica que estava colocada naquele lugar é recolhida e as ligações com os demais focos de interesse ficam perturbadas e tornam-se efêmeras. É um momento de fragilização do ego e de grande recolhimento. O enfoque libidinal fica na perda.

Para que haja a elaboração deste luto é necessário que se retomem os demais aspectos de interesse e que se abra espaço para aquisições.

Se a perda for elaborada, surge espaço para novas relações que podem agir como ente unificador dos significados internos, o qual irá substituir e diversificar o que foi perdido.

No luto patológico, ocorre a manutenção da energia psíquica no objeto perdido. Não há retorno ou satisfação para o ego. A energia é direcionada para o vazio, para o ausente, e passa a ser desinvestida dos demais interesses aos quais a pessoa estava ligada. A perda não elaborada pode levar à depressão ou à melancolia, que é um estado grave e de intenso sofrimento psíquico.

A involução da imagem narcísica do corpo e a perda de objetos com investimentos libidinais representativos (morte de um ente querido, aposentadoria etc.) afetam a imagem que se tem de si e exigem uma reorganização das relações e vínculos externos.

O Idoso e a Longevidade

A velhice é uma etapa vital que, atualmente, vem sendo prolongada, chegando a durar muitos anos (25, 30 anos) e que deve, portanto, ter um compromisso com qualidade de vida. A idade cronológica é apenas um referencial. O que importa é a maneira como a pessoa vive.

Quais são os desafios que a longevidade traz para o idoso e que cuidados e atitudes são requeridas? Seguem alguns:

- aprender a lidar com a perda das capacidades orgânicas e, portanto, com as dificuldades para enfrentar tarefas da rotina do dia-a-dia;
- manter-se atento às questões ligadas à saúde e buscar ajuda de especialistas sempre que necessário;
- praticar exercícios físicos adequados à própria condição;
- alimentar-se adequadamente;
- cuidar das capacidades cognitivas (por exemplo, exercitar memória e raciocínio)
- aprender a usar o tempo livre, antes um bem tão escasso e precioso e, depois, algo que incomoda e pode conduzir ao tédio ou até à depressão;
- não se isolar; manter-se em contato com pessoas e participar de grupos;
- resistir a posturas de preocupação exagerada para evitar hipocondria, seja diante das transformações físicas, seja diante do medo da perda de potência sexual, para evitar promiscuidade.

Um elemento-chave que veio dar nova forma à possibilidade de viver bem a velhice foi historicamente a instituição da aposentadoria. A garantia de renda associada à longevidade passou a dar lugar a um envelhecimento ativo e independente, com possibilidade de autogestão da vida e de integração no mundo. O tempo livre deixa de ser associado ao tédio e passa a ser a abertura para a prática de novas atividades e encontros sociais. Com o advento da aposentadoria, o velho que, em tempos passados, não podia contar com quaisquer rendimentos para se manter, e ficava à mercê da benevolência, ou mesmo da benemerência da família, passa a ocupar o papel de provedor. Por vezes, ele é o único membro da família a auferir renda e, portanto, chega até a sustentar os demais, assumindo um papel na mais alta hierarquia da estrutura familiar, o que muitas vezes gera conflitos nas relações de poder instituídas.

A Família, o Idoso e a Longevidade

O envelhecimento dos pais afeta a estrutura psicológica de cada um dos elementos da família que, mesmo sem ter consciência, se depara com medos e inseguranças. Os filhos sentem que seus pais, de cuidadores que eram, passam a precisar de cuidados. A dinâmica de modificações nesses papéis é complexa, pois mexe com questões internas de onipotência, narcisismo, culpa, cobrança e relação de poder (dominação-submissão), entre outras.

O confronto com o envelhecimento aparece numa fase de vida — a meia-idade — em que os próprios indivíduos estão sobrecarregados de responsabilidades: com seus trabalhos, com a criação dos filhos, com os pais idosos. Conflitos, ambivalências e inseguranças surgem. É como se toda a família sofresse o impacto do envelhecimento.

Há certas situações de relacionamento que constituem indicadores importantes, verdadeiros sinais de alerta sinalizando que as famílias estão tendo uma vivência de sofrimento adiante da velhice de seus membros:

- elementos idosos tornam-se bodes expiatórios, depositários de frustrações e dificuldades de outros membros da família;
- um filho sobrecarrega-se e assume todas as responsabilidades pelos cuidados dos seus pais, abrindo mão da condução de sua própria vida;
- um pai ancião assume responsabilidades desmedidas que caberia ao filho assumir;
- formam-se alianças doentias entre membros da família diante da necessidade de resolução de um problema;
- filhos de meia-idade vivem uma relação de simbiose com seus pais idosos ou vice-versa;
- diante da necessidade de ser ajudado, um membro da família recebe agressões e é alvo de distanciamento afetivo dos demais;
- avós e pais disputam o amor de uma criança, neto/filho, ou a autoridade sobre ela.

A Família e o Idoso: A Possibilidade do Encontro

Preservar a saúde mental do idoso é também preservar a satisfação de suas necessidades pessoais e sociais. Para que isso ocorra é desejável haver uma congruência entre a sua possibilidade de desempe-

nho físico e as demandas das atividades que precisa ou deseja realizar, as exigências da sociedade, suas próprias expectativas e as das pessoas que lhe são de valor significativo, incluindo aqui, sem dúvida, sua família. Incongruências entre demandas internas e externas são reflexos de relações ou situações doentias.

Muitas vezes, a família não está preparada para perceber e lidar com tantas transformações que ocorrem com a pessoa que envelhece e, mesmo querendo ajudar, não consegue se posicionar adequadamente.

Mudanças intensas que ocorrem com um ente querido levam, por vezes, à nossa própria organização interna. Tememos estar caminhando para a possibilidade da perda de uma pessoa tão querida. Tememos também estar diante de um espelho de nosso futuro.

A sanidade do idoso, como de qualquer um de nós, se configura num ambiente afetivo e acolhedor. Devemos prestar atenção ao que se passa conosco e com o outro.

A família precisa preparar-se para ver o seu idoso como uma pessoa que tem desejos próprios e planos para o futuro. Às vezes, querendo proteger o ente querido, se restringe sua autonomia e, em conseqüência, seus sonhos.

A Nova Família

Neste início de século, com a longevidade, passam a ser vividas, agora, situações freqüentemente inéditas para as famílias, estas próprias também com configurações muito diversas das que prevaleciam nas últimas décadas.

A nova família já não necessariamente mantém a estrutura tradicional — pais e filhos —, apresentando configurações muito diferentes:

- unidades domésticas plurigeracionais;
- agrupamento ampliado, muitas vezes devido a dificuldades econômicas;
- duplas conjugais que optam por não ter filhos;
- os que optam por ter filhos sem ter um companheiro fixo (a chamada "produção independente");
- os que se separam e constituem uma nova família agregando filhos desta relação aos advindos dos primeiros casamentos de um ou de ambos os lados;
- casais ocupando residências separadas;
- parceiros conjugais homossexuais.

Não podemos, então, dizer com simplicidade o que seja família. Não existe uma única definição, apenas algo que varia no tempo, de cultura para cultura, de sociedade para sociedade, havendo variações mesmo dentro de uma única sociedade, num mesmo momento histórico, político e cultural. Portanto, o conceito de família é uma criação humana mutável.

As mudanças na constituição das famílias refletem uma profunda alteração nos valores anteriormente estabelecidos e nos papéis funcionais vividos por um ou mais membros.

Modificações na estrutura de uma família geram crises e exigem nova organização interna, seja na maneira como indivíduo se relaciona consigo mesmo, seja na sua interação com o outro. Alterações levam a dúvida de percepção: Quem sou eu? Quais responsabilidades me cabem assumir? Estou preparado para enfrentá-las?

As relações entre os componentes de uma família, em especial entre pais e filhos, são constituídas por elementos afetivos complexos e que são intensamente mobilizados, sobretudo diante de alterações importantes na vida de seus integrantes.

Refletir sobre o perfil da família em transformação é necessário para sabermos até que ponto podemos continuar a atribuir a ela a responsabilidade de cuidar dos seus membros mais velhos.

Um fator muito importante a considerar é o fato de a mulher participar do mercado de trabalho e, portanto, permanecer muitas horas fora de casa, tendo que assumir uma dupla jornada para poder dedicar-se também à sua vida particular. Agora, ela não mais, ao contrário do que ocorria anteriormente, concentra-se apenas no trabalho de sua casa e de sua família, quando podia cuidar de seus idosos.

Se pudermos reconhecer as diferenças, poderemos dar um passo adiante em pensar como criar suportes para os indivíduos que envelhecem em cada uma das situações a que nos referimos, apesar de reconhecermos as inúmeras dificuldades envolvidas.

Os níveis de tolerância e compreensão com relação aos idosos variam em cada grupo familiar. A solidariedade constituída através da devoção filial é ainda a possibilidade prioritária que melhor podemos visualizar a curto prazo.

De acordo com Debert[3], a tendência dos idosos morarem sozinhos não tem de ser necessariamente percebida como reflexo de um abandono por parte

de seus familiares. Pode significar uma nova forma de família estendida, na qual a troca e a assistência ocorrem de maneira intensa, facilitada pelo aumento da mobilidade e aperfeiçoamento das formas de comunicação à distância.

Além disso, adverte a autora: "O fato de os idosos viverem com os filhos não é garantia da presença, nem de respeito e prestígio, nem da ausência de maus-tratos. As denúncias de violência física contra idosos aparecem nos casos em que diferentes gerações convivem na mesma unidade doméstica"[3].

O preparo da sociedade para o desafio da longevidade requer um estudo cuidadoso dos conflitos contemporâneos relativos ao envelhecimento. Afinal, de que adianta vida longa sem qualidade?

Exercitando a "Avosidade"

Vários tabus se criam em torno do envelhecimento. Um deles é estabelecer uma sabedoria que inviabiliza a explicitação das angústias ou a necessidade de continuar se perguntando e perguntando aos demais sobre fatos que criam desconforto e dúvida com relação à maneira de proceder. O exercício da sabedoria representa o constante governo de si, construído durante o desenvolvimento do homem através dos ideais da juventude e alicerçado na aquisição do conhecimento, tendo seu cume na aceitação da transitoriedade. Sem dúvida nenhuma, isto é resultado do trabalho da vida inteira. A elaboração da consciência da finitude implica numa ação permanente de rever um momento anterior, ligado ao nascimento, e um posterior, ligado à morte.

No quadro delineado até o momento, se tornar avô talvez não seja uma tarefa assim tão tranqüila como queiramos acreditar. O imaginário social associa a idéia de velho a alguém livre de sentimentos contraditórios. No entanto, na sociedade contemporânea a velhice é carregada de atribuições negativas. Assim, a crise de papéis atinge também expectativas com relação ao ser avô:

O que se espera dos avós? A que os avós não conseguem mais se submeter?

Ao escolher o "ser avô" como aspecto importante da estruturação psíquica do indivíduo idoso, pretendemos exemplificar mecanismos psicológicos que adquirem especificidades nesse momento da vida. Partimos do princípio que, enquanto características biológicas involuem, certas características psíquicas podem evoluir. Segundo Cecília Meirelles[8], no poema *Reinvenção*, "...a vida só é possível reinventada". Sendo assim, acreditamos que, se conseguirmos nos aproximar do entendimento dos processos internos dessas funções familiares, conseguiremos criar novas maneiras de exercer a "vovozice" ou a "avosidade".

Os dois termos serão usados como denominação dessa problemática humana conflitiva: neto representa promessa de vida em relação a certos ideais e, por outro lado, a morte associada à decadência física.

A existência do neto intranqüiliza, gerando um tumulto interno que propiciará o surgimento de novos interesses e o resgate da vitalidade. Através da possibilidade de amor pelo neto o idoso redescobre esse sentimento em si.

Na "vovozice" o indivíduo lida com emoções relacionadas a si mesmo, ao que ele foi, ao que queria ser e à pessoa que foi parte de si mesmo.

Mecanismos psicológicos bastante elaborados estão presentes ao aceitar os filhos como tendo a possibilidade de serem pais, amenizando eventuais conflitos familiares de conteúdo fortemente agressivo. Os netos, ao serem, para o idoso, a possibilidade simbólica da imortalidade, aliviam o enfrentamento da situação desconhecida que é a morte. O exercício da "vovozice" pode ser a saudável, porém conflitante, ao aproximar essas figuras aterrorizadoras da finitude.

A "avosidade" não remete a uma idade cronológica, mas a um laço de parentesco localizado nas filiações trigeracionais, do ponto de vista pessoal, familiar e social.

Atentar para a delicadeza dessa etapa da vida implica em programas voltados para o debate deste tema junto ao segmento diretamente envolvido. Não é esperar para ver o que acontece, mas antecipar-se à exteriorização dos confrontos sob a forma de embates familiares irreconciliáveis ou ao adoecimento desencadeado e/ou acentuado pela depressão.

Considerações Finais

Perguntar-se sobre "o que faço" leva a "o que fiz" e "o que imagino fazer". Essa revisão geralmente é desencadeada a partir de uma crise pessoal: aposentadoria, perda de companheiro, independência dos filhos, nascimento de um neto etc.

As mudanças que surgem na velhice muitas vezes entram em choque com as expectativas e os hábitos daqueles que circundam os idosos e, para que se lide

com elas, é necessário redimensionar o potencial investido na profissão, reapropriar-se dos espaços domésticos e deparar-se com familiares que não se conhecem tão bem quanto se imaginava.

A existência de uma grande quantidade de indivíduos dessa faixa etária em plena forma para exercerem suas potencialidades, mas com limitações pessoais e restrições sociais a limitarem suas possibilidades, leva-nos a atentar para a carga de irreverência que necessitam expressar para que os seus desejos possam tornar-se públicos.

O resgate do indivíduo ativo necessita de certa dose de "indignidade". O idoso socialmente ativo participa das atividades que lhe fazem sentido e de relevância social: é tanto aquele engajado numa atividade remunerada, como o que faz parte de um grupo de teatro amador, cuida de netos, participa de atividades de lazer, pratica exercícios físicos etc.

O movimento de recuperação ou reestruturação do que é significativo não é fácil, pois exige uma reavaliação dos caminhos passados, e para que se avance, há a necessidade de fazer opções, o que significa deixar umas tantas outras coisas de lado. O investimento num novo projeto de vida envolve um momento de reprodução, e esse instante contém etapas semelhantes à concepção: aproximação para a fertilização, o ato da concepção, tempo de latência e momento de expulsão. Cada etapa contém a possibilidade criativa da construção do próximo passo. A revisão do projeto de vida, adequando-o à realidade atual sob o ponto de vista das condições pessoais, orgânicas e econômicas, aponta para soluções criativas e particulares. O idoso ativo oscila entre as fantasias e a possibilidade de realizá-las, reapropriando-se do seu destino.

O direito do indivíduo usufruir um bem-estar pessoal deve estar presente em qualquer faixa etária. O idoso, ao conquistar espaços sociais, conscientiza a sociedade para o envelhecimento como continuação e conseqüência de um modo de vida anterior. No âmbito familiar, ele desempenha papel preponderante, sendo fundamental a existência de programas direcionados para o resgate da capacidade criadora que há no ser humano.

Voltar a se sentir amado pode ser decorrência de atualização. Para atingir esse objetivo, não se deve isolar o indivíduo mantendo-o restrito ao convívio com sua faixa etária.

Levando em conta as implicações sociais e o ônus emocional e econômico que acarretam um indivíduo com baixa auto-estima e que não vislumbra significado para sua condição, podemos dimensionar a relevância dos programas para esta faixa etária.

As mudanças inevitáveis que o processo de envelhecimento introduz nas relações familiares podem significar sofrimento e lidar com o desconhecido, mas também pode ser poesia.

Vejamos o que Norberto Bobbio[1] nos fala sobre a Assembléia Mundial, realizada em Viena, em 26 de agosto de 1982, e com recomendações aprovadas na Assembléia Geral das Nações Unidas, em 3 de dezembro do mesmo ano, visando um programa de ação internacional para o cada vez maior número de anciãos. A ênfase do autor às recomendações, no que se refere ao suporte que deveria ser dado aos familiares cuidadores dos velhos, pode nos ajudar a refletir sobre medidas a serem adotadas tanto por grupos autônomos como pelas políticas públicas.

Cito textualmente algumas dessas "recomendações" porque geralmente os documentos internacionais não estão disponíveis a todos.

> "Recomendação número 2": A proteção às pessoas idosas deve superar a simples luta contra a doença, mas almejar até seu bem-estar total [...] Os cuidados com a saúde deveriam considerar o conjunto dos setores sanitários e sociais, assim como a família, em vista da melhora da qualidade de vida dos anciãos. Tudo deveria ser feito, especialmente no domínio dos tratamentos primários, para que os anciãos continuem a levar uma vida independente, cada vez mais longe no seio das suas famílias (este conceito de permanência do ancião na família está, de agora em diante, presente em todos os documentos internacionais) e na sua comunidade, em vez de serem excluídos e isolados de todas as atividades da sociedade [...]
>
> "Recomendação 5": É importante estabelecer um equilíbrio apropriado entre a função das instituições e da família na prestação da assistência ao ancião, reconhecendo que os familiares e os mais próximos são elementos chave de todo o sistema equilibrado [...]
>
> "Recomendação 9": Convém encorajar os anciãos a participar da organização e funcionamento dos serviços sanitários. Um dos princípios fundamentais em matéria do atendimento ao ancião é permitir que conduzam

o maior tempo possível uma vida independente no centro da sua comunidade.

"Recomendação 13": Convém desenvolver ainda mais o tratamento em domicílio, para garantir serviços sanitários e sociais de boa qualidade e em quantidade suficiente para que os anciãos possam permanecer na própria comunidade e viver independentes tanto quanto possível. Os atendimentos em domicílio não deveriam ser uma alternativa ao atendimento hospitalar: esses dois tipos de assistência são antes mais complementares do que alternativos [...]

"Recomendação 25": A família, sendo reconhecida como a célula base da sociedade, deveria ser encorajada, protegida, revigorada de acordo com os sistemas de valores culturais próprios a cada sociedade, para ajudá-la a responder melhor aos problemas dos anciãos[1].

Sem dúvida nenhuma as famílias devem estar incluídas nesse movimento revitalizador, sem perdermos de vista os limites e possibilidades de cada núcleo.

Se conseguirmos nos relacionar com os idosos sem preconceitos, sem um olhar viciado e sem ter medo da nossa própria velhice, poderemos, mais facilmente, ajudá-los a viver com mais qualidade, autonomia e, com este aprendizado, preparar melhor o nosso próprio amanhã.

Referências Bibliográficas

1. Bobbio N. Os valores e os direitos humanos dos idosos dependentes crônicos. Tradução de Anita Aratangy. In: *Eutanásia do abbandonno.* Turim: Rosenberg & Sellier.
2. Carvalho MC et al. A Família contemporânea em debate. São Paulo: EDUC; 1995.
3. Debert GG. A reinvenção da velhice. São Paulo: Edusp; 1999.
4. Durham E R. Família e reprodução humana. In Durham et al. Perspectivas antropológicas da mulher. Rio de Janeiro: Zahar; 1983. p. 3.
5. Freud S. Luto e melancolia – In: Obras Completas. Rio de Janeiro: Imago; 1980.
6. Herr J, Weakland J. Terapia interacional y tercera edad. Asesorando a la família del geronte. Buenos Aires: Nadir Editores; 1979.
7. Lopes RGC. Saúde na velhice – As interpretações sociais e os reflexos no uso do medicamento. São Paulo: Educ; 2000.
8. Meirelles C. Flor de Poemas, São Paulo: Perspectiva; 1983.
9. Salvarezza L. El trabajo con las famílias em la clinica psicogeriatrica. In: Psicogeriatria. Teoria y clinica. Buenos Aires: Paidós; 1993.